

COMUNICAÇÃO

TEXTOS PRODUZIDOS NO MEIO CORPORATIVO: TEXTOS DE REDES SOCIAIS

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Forma de uso das redes sociais por empresas.....	5
Figura 2 – LinkedIn do Itaú Unibanco.....	6
Figura 3 – LinkedIn do Itaú BBA.....	7
Figura 4 – Linguagem Publicitária	12

EMANSP

SUMÁRIO

TEXTOS PRODUZIDOS NO MEIO CORPORATIVO: REDES SOCIAIS	4
1 TEXTOS DE REDES SOCIAIS PRODUZIDOS NO MEIO CORPORATIVO.....	4
2 A COESÃO DENTRO DO TEXTO	8
2.1 A paráfrase.....	9
2.2 O Paralelismo.....	9
2.3 A repetição	12
2.4 A substituição gramatical.....	13
2.5 A substituição lexical	14
2.6 A retomada por elipse	15
2.7 A associação semântica entre as palavras	15
2.8 A conexão	16
3 USO DA CRASE: REGRAS BÁSICAS.....	17
3.1 Uso obrigatório.....	18
3.2 Uso da crase nos pronomes <i>aquele, aquela e aquilo</i>	19
3.3 Regra para nomes geográficos	20
3.4 Uso facultativo da crase	21
3.5 Quando não se admite a crase	22
REFERÊNCIAS.....	24

TEXTOS PRODUZIDOS NO MEIO CORPORATIVO: REDES SOCIAIS

1 TEXTOS DE REDES SOCIAIS PRODUZIDOS NO MEIO CORPORATIVO

Segundo Jue, Marr e Kassotakis (2010), redes sociais são páginas da internet que permitem que pessoas compartilhem informações sobre si mesmas, podendo encontrar outras com características e interesses semelhantes, permitindo a criação de relações entre si.

No mundo moderno, a utilização das redes sociais nas empresas e corporações tem sido um recurso bastante frequente, quer para divulgar a empresa e/ou seus serviços, quer para criar uma relação com o seu público-alvo.

Segundo pesquisas realizadas pelo Comitê de Gestão da Internet (2019), o crescimento relacionado ao uso de redes sociais pelas empresas no Brasil e no mundo é bastante significativo. Em 2012, apenas 32% das empresas possuíam perfil em alguma rede social on-line, em 2019, essa porcentagem teve um aumento para 78%. A partir desses dados, infere-se que as empresas veem as redes sociais como uma oportunidade de ampliar seu mercado.

Entretanto, é necessário tomar bastante cuidado com o uso dessas redes, a fim de não acarretar prejuízos e falta de credibilidade.

Para que esses deslizos não aconteçam, é fundamental que esses textos, produzidos para as redes sociais, sejam muito bem planejados e escritos. Para isso, devemos nos atentar à ortografia, concordância, ambiguidade, paralelismo, entre outros aspectos relacionados à escrita.

O cuidado com a escrita, entretanto, não significa que a comunicação precisa ser feita sempre com formalidade. Definir o objetivo e o público-alvo que receberá a mensagem são aspectos essenciais. Dessa forma, temos diversas possibilidades de comunicação dentro da rede social da instituição. Dependendo do assunto, do segmento, é preciso escrever um texto mais formal ou a comunicação mais descontraída pode ser adotada.

A partir dessa perspectiva, as redes sociais podem ser aplicadas de várias maneiras dentro das corporações. Serra et al. (2013, p.240) cita seus principais usos: “[...] uma ferramenta de relacionamento, um meio para divulgação promocional, um canal de atendimento, um acesso ao público-alvo e um canal de venda”.

No gráfico a seguir, são apresentadas as atividades mais realizadas pelas empresas e corporações nas redes sociais em 2017.

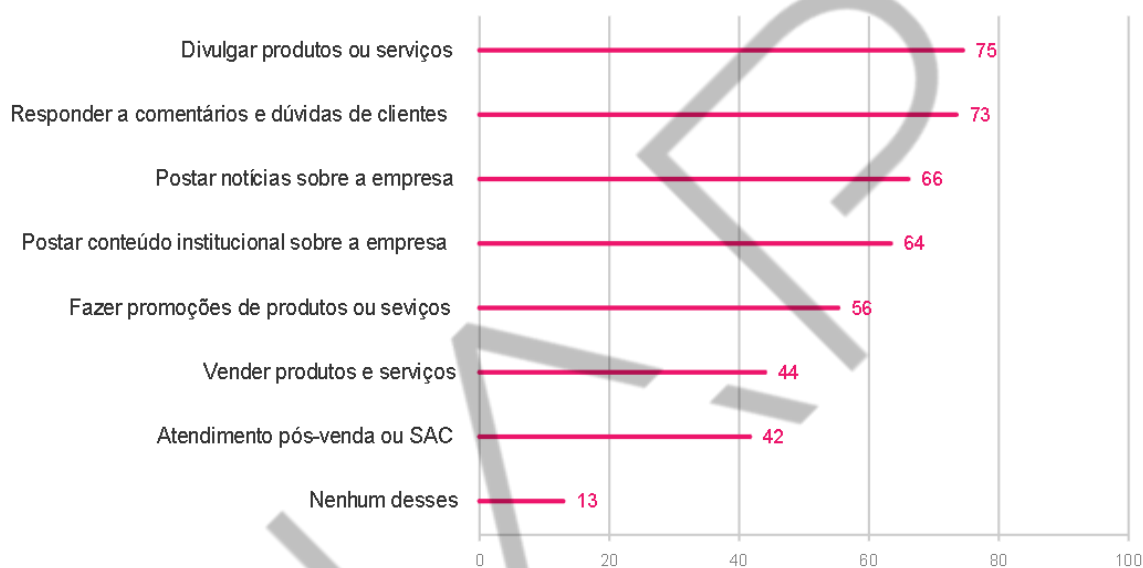


Figura 1 – Forma de uso das redes sociais por empresas
Fonte: MOREIRA, s.d.

Infere-se, portanto, que o uso das redes sociais no meio corporativo atualmente é muito significativo. As empresas estão buscando a tecnologia como uma ferramenta de criar relações com seus clientes e aprimorar seus serviços. Portanto, a tendência é que essa prática se torne cada vez mais frequente.

A seguir, temos dois exemplos de textos de redes sociais produzidos no meio corporativo. Ambos os textos foram retirados no LinkedIn.

Texto I:



Figura 2 – LinkedIn do Itaú Unibanco
Fonte: Itaú Unibanco (2022)

No texto I, algumas palavras e expressões utilizadas tornam o texto mais descontraído e informal. Palavras como “bike”, “laranjinhas”, “Sampa”, “não paramos por aí” e “curte” apresentam um registro mais informal, isto é, uma linguagem coloquial, próxima à fala. Apesar do uso de termos mais informais, o objetivo da mensagem foi atingido e a qualidade do texto não foi prejudicada.

Texto II:

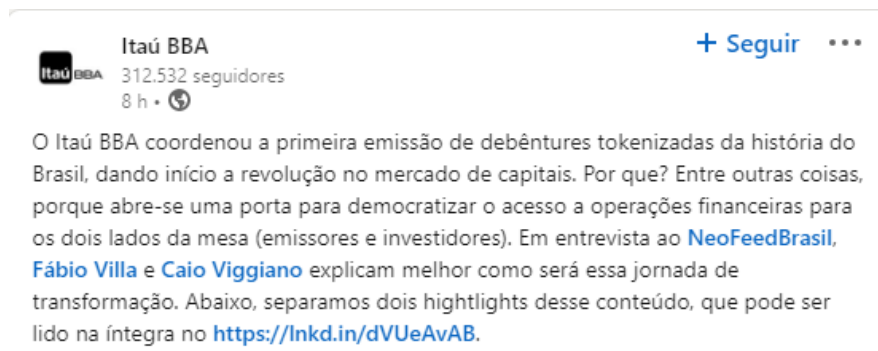


Figura 3 – LinkedIn do Itaú BBA
Fonte: Itaú BBA (2022)

Nesse texto, foi utilizado o registro formal, visto que, tanto o público-alvo quando o objetivo é diferente do texto I.

No primeiro texto, percebe-se que o interlocutor é um público mais jovem que utiliza, como meio de transporte, bicicletas. O emissor da mensagem é o banco Itaú, um banco acessível a todos, pessoas físicas e jurídicas, com poucos ou muitos recursos financeiros.

Já o texto II é direcionado às pessoas interessadas no mercado financeiro e o emissor é o Itaú BBA, que atende grandes empresas e investidores institucionais.

São textos com objetivos e interlocutores distintos.

Entretanto, o texto II apresenta dois erros no que diz respeito à adequação às convenções da escrita.

O Itaú BBA coordenou a primeira emissão de debêntures tokenizadas da história do Brasil, dando início a revolução no mercado de capitais. **Por que?**

“**Por que**” deve ser usado no início ou meio das orações. Aparece em frases interrogativas. Ele pode ser substituído por “**pelo qual**”, “**por qual**” em perguntas.

“**Por quê**” também é usado em interrogações, porém ele aparece sempre no final da frase. Nesse texto, portanto, o correto seria:

O Itaú BBA coordenou a primeira emissão de debêntures tokenizadas da história do Brasil, dando início a revolução no mercado de capitais. **Por quê?**

No mesmo trecho, há um desvio de regência em **“dando início a revolução”**. A expressão **“dando início”** é usualmente regida com preposição **“a”**. Nesse caso, como revolução é uma palavra feminina, temos a junção da preposição **“a”** com o artigo **“a”**, com isso, deve-se utilizar o acento grave, a crase.

O Itaú BBA coordenou a primeira emissão de debêntures tokenizadas da história do Brasil, dando início à revolução no mercado de capitais. **Por quê?**

2 A COESÃO DENTRO DO TEXTO

Segundo Antunes (2005), entende-se por coesão a função de criar, estabelecer e sinalizar os laços que deixam os vários segmentos do texto ligados, articulados, encadeados. Reconhecer, então, que um texto está coeso é reconhecer que suas partes – das palavras aos parágrafos – não estão soltas, fragmentadas, mas estão ligadas, unidas entre si.

Diante disso, a função da coesão é exatamente a de possibilitar a continuidade do texto, a sequência interligada de suas partes, a fim de não perder a unidade que garante a sua compreensão.

Os autores Halliday e Hasan (1976), utilizam a metáfora “laço” para definir o conceito de coesão, no intuito de mostrar que cada parte do texto precisa estar atada, presa, pelo menos, a outra, de modo que não haja pedaços que não se juntam a nenhum outro.

Em resumo, para que nossos textos sejam coesos, precisamos preservar a sua continuidade, a sequência interligada de suas partes, com isso, a unidade de sentido e as intenções de nossa comunicação serão efetivas. Desse modo, afinal, poderemos nos fazer entender com êxito.

Muitos pensam que coesão só diz respeito ao uso de conjunção, mas na verdade temos muitas possibilidades. Segundo Antunes (2005), a coesão pode ser por meio da (o):

1. Paráfrase;
2. Paralelismo;
3. Repetição;
4. Substituição gramatical;
5. Substituição lexical;
6. Retomada por elipse;
7. Associação semântica entre as palavras;
8. Conexão;

2.1 A paráfrase

Entende-se por paráfrase o recurso de dizer o que já foi dito antes, com o objetivo de explicar melhor e deixar o conteúdo mais transparente, sem perder sua originalidade conceitual. É um procedimento de reformulação de dizer o mesmo de outro jeito.

Esse recurso é bastante comum em textos explicativos, acadêmicos ou nos textos didáticos, com a intenção de esclarecer melhor os pontos abordados.

No exemplo a seguir, além do nexos coesivo criado pela paráfrase, é ressaltado seu caráter explicativo.

"Para uma pessoa obter o título de *doutor* na universidade, ela tem de fazer uma grande pesquisa na sua área de conhecimento (...). E essa pesquisa tem de ser *inédita*, isto é, precisa trazer alguma contribuição *nova* aquele campo de estudos." (Marcos Bagno, 1999, p. 20, grifos do autor).

2.2 O Paralelismo

O paralelismo é um recurso que consiste em deixar o texto com certo padrão. Para isso, é essencial que os elementos coordenados entre si apresentem a mesma estrutura gramatical.

Quando dizemos que algo é paralelo a outro, estamos nos referindo há elementos iguais ou semelhantes. Dessa forma, o paralelismo, dentro do texto, é um recurso de coesão que deixa o enunciado numa simetria sintática, apresenta ordem estilística, dando ao enunciado certa harmonia.

Quando um texto tem paralelismo, percebe-se simetria nas estruturas, seja ela no âmbito da função (sintaxe), seja no da classe morfológica (morfologia), seja no do sentido (semântica).

Observe esse exemplo no qual há um desvio de paralelismo sintático:

“A situação dos brasileiros em relação à Previdência Social tornou-se insustentável. **Quer** eles queiram que a reforma aconteça **ou** não, todos sairão prejudicados.” (BARBOSA, 2020)

Nesse exemplo, a inadequação ocorre pelo uso de conjunções alternativas diferentes; isso faz com que a simetria do enunciado seja prejudicada.

Observe o mesmo enunciado com paralelismo:

“A situação dos brasileiros em relação à Previdência Social tornou-se insustentável. **Quer** eles queiram que a reforma aconteça, **quer** não aceitem, todos sairão prejudicados.” (BARBOSA, 2020)

O mesmo texto escrito dessa forma distribui melhor os elementos de coesão, mantendo sintaticamente a mesma estrutura. Com isso, a leitura do texto torna-se mais fluida e coerente para o leitor.

Outro exemplo de quebra de paralelismo sintático ocorre quando são utilizados verbos em tempos verbais diferentes, como por exemplo:

“É conveniente **chegares** a tempo e que **tragas** o relatório pronto.” (ANTUNES, 2005, p. 64)

Nessa estrutura, há uma quebra de paralelismo, pois, como se vê, a estrutura das duas orações tem arrumações sintáticas diferentes,

Para organizar as estruturas sintáticas, podemos escrever de duas maneiras:

“É conveniente **chegares** a tempo e **trazeres** o relatório pronto.” (ANTUNES, 2005, p. 64)

“É conveniente que **chegues** a tempo e que **tragas** o relatório pronto.” (ANTUNES, 2005, p. 64)

Já o paralelismo morfológico procura a igualdade de classes gramaticais em uma enumeração ou exemplificação.

Por exemplo:

“No fundo todo cidadão sonha em se **aposentar**, **descansar** de tantos anos de trabalho, **curtir** a família, **os netos** e **suas brincadeiras**, **as viagens** sempre sonhadas.” (BARBOSA, 2020)

Nessa enumeração, são misturadas classes morfológicas diferentes: verbo e substantivo.

Para manter o paralelismo morfológico, a ideia é manter a mesma ordem da classe gramatical em toda a enumeração.

“No fundo todo cidadão sonha em se **aposentar**, **descansar** de tantos anos de trabalho, **curtir** a família, **brincar** com os netos, **fazer** as viagens sempre sonhadas.” (BARBOSA, 2020)

A substituição dos substantivos por verbos apresenta um texto mais organizado.

No âmbito dos sentidos, temos o paralelismo semântico, o qual alinha as semelhanças dos sentidos dos termos usados no texto, isto é, as ideias possuem uma correlação lógica mantendo a simetria no enunciado.

É preciso que os governantes entendam que uma mudança tão brusca como essa afetará a vida de milhões de **brasileiros** e **crianças** que vivem no país.

No exemplo, foram usados dois substantivos: brasileiros e crianças, portanto, nesse caso, pode-se observar o paralelismo morfológico. No entanto, ao que se refere ao campo dos sentidos, existe uma inadequação.

Ao lermos esse texto, interpretamos que as crianças não são brasileiras, como se o termo **criança** não se referisse ao substantivo pátrio **brasileiros**.

Assim, a forma correta seria:

É preciso que os governantes entendam que uma mudança tão brusca como essa afetará a vida de milhões de **brasileiros, quer sejam adultos, quer sejam crianças** que vivem no país. (BARBOSA, 2020)

Dessa forma, temos um exemplo de um enunciado que apresenta tanto paralelismo sintático, identificado pelo uso da mesma conjunção alternativa (**quer**), quanto paralelismo semântico, ao esclarecer quem são os brasileiros (**adultos e crianças**). Logo, o texto torna-se mais coeso e, conseqüentemente, mais coerente.

Vale ressaltar que a quebra do paralelismo semântico pode constituir um recurso literário de grande efeito e de grande aceitação na prosa e na poesia, utilizado, por exemplo, na obra “Brás Cubas”, de Machado de Assis.

“Marcela amou-me durante 15 dias e 11 contos de réis.” (ASSIS, 1994a, p. 26)

Na linguagem publicitária, a ausência de paralelismo semântico também é intencional e usado, muitas vezes, para trazer um efeito jocoso, como ocorre em:

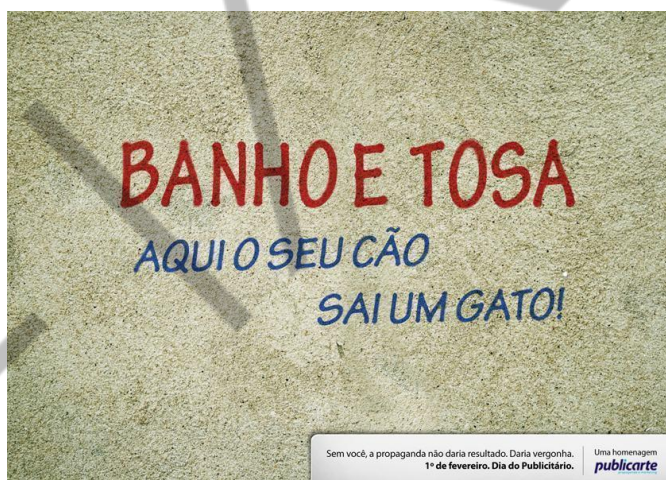


Figura 4 – Linguagem Publicitária
Fonte: Google Imagens (2022)

2.3 A repetição

Diferentemente do que se pensa, a repetição de alguma palavra ou sequência de palavras constitui um recurso da própria continuidade exigida pela coerência.

Na escola e em alguns manuais de redação, a repetição de palavras é vista como uma característica da oralidade informal.

Porém, os resultados de várias pesquisas mostram que em textos escritos formais como editoriais, jornais, artigos, por exemplo, a repetição é um recurso bastante funcional.

Entende-se por repetição a ação de voltar ao que foi dito antes; fazer reaparecer o que já ocorreu previamente. Essa unidade pode ser uma palavra, uma sequência de palavras ou até mesmo uma frase inteira.

A repetição é um recurso de grande funcionalidade, pois pode desempenhar diferentes funções, todas elas de alguma forma coesivas. Pode, por exemplo, marcar a ênfase que se pretende atribuir a um determinado segmento.

Além da funcionalidade da repetição, podemos lembrar que, às vezes, repetir uma palavra é um recurso inevitável, visto que é difícil atribuir um sinônimo para algumas palavras como agropecuária, cooperativismo, democracia, entre outras.

Evidentemente, como qualquer outro recurso, a repetição merece cuidado para que a qualidade do texto não seja diminuída.

Vale ressaltar que, em alguns textos, como poemas, anúncios publicitários, trocadilhos, a repetição pode aparecer com frequência. E também em textos mais técnicos como artigos científicos, fazendo com que a ambiguidade seja evitada.

2.4 A substituição gramatical

Substituir uma palavra em um texto é um recurso coesivo subdividido em substituição gramatical e substituição lexical.

É possível substituir uma palavra por um pronome, por um advérbio ou por uma palavra que seja equivalente.

Para nos referirmos a alguém, por exemplo, podemos usar seu nome, **Helena**; um pronome, **ela**; ou uma descrição definida: **minha filha caçula**.

Nesse contexto, a grande função textual dos pronomes é substituir elementos que asseguram a cadeia referencial do texto. Funcionam como elementos de ligação entre seus diferentes segmentos, dando continuidade no texto para ser coerente.

A substituição de uma palavra por um pronome ou por um advérbio constitui o que é chamado de substituição gramatical. É um recurso reiterativo, uma vez que promove a retomada de referências feitas em segmentos presentes no texto.

2.5 A substituição lexical

A substituição lexical, por sua vez, também é um recurso coesivo pelo qual se promove a ligação entre dois ou mais segmentos textuais. Implica na ação de usar uma palavra no lugar de outra que seja textualmente equivalente.

Pela substituição se consegue, portanto, a volta de uma referência já feita no texto e, por isso, ela é reiterativa. Assim como outros elementos coesivos, a substituição é um recurso de continuidade do texto.

Exemplos:

Madonna – pop star – estrela americana

PoliciaI – guarda

Gato – animal

Air bag – equipamento – dispositivo

(ANTUNES, 2005, p. 97)

Substituir uma palavra por outra supõe um ato de interpretação, de análise, com objetivo de avaliar a adequação do termo substituído para não perder o sentido.

2.6 A retomada por elipse

A elipse é definida como resultado da omissão ou do ocultamento de um termo que pode ser facilmente identificado pelo contexto.

Como recurso coesivo, a elipse corresponde à estratégia de omitir um termo, uma expressão que já foram introduzidos anteriormente no texto, mas que são recuperados por marcas do próprio contexto verbal em que ocorre.

Por exemplo:

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

(MEIRELES, 1967, p. 103)

Nos versos de Cecília Meireles, podemos perceber o apagamento do pronome pessoal “eu”.

O fato de a elipse se caracterizar por um ocultamento, por uma falta de um termo ou de uma expressão, faz ainda com que o seu uso exija um cuidado especial para que não se perca o sentido do texto.

O uso variado dos recursos coesivos, além da elipse, como a repetição, a substituição, a paráfrase, representa um aspecto relevante da competência textual.

2.7 A associação semântica entre as palavras

Associação semântica entre as palavras funciona claramente como recurso coesivo do texto, uma vez que cria ligações ou laços entre os diferentes segmentos. É uma seleção de palavras que estão semanticamente relacionadas.

Relacionar palavras de um mesmo campo semântico ou de campos semânticos similares estabelece uma ligação de sentido, mantendo a unidade temática. Desse modo, uma palavra retoma outra porque mantém com ela, em determinado contexto, vínculos precisos de significação. Infere-se, portanto, que esse recurso de coesão está associado ao estudo do léxico, estudo do vocabulário.

Por exemplo:

“São Paulo é sempre vítima das **enchentes** de verão. Os **alagamentos** prejudicam o trânsito provocando engarrafamento de até 200 km.” (MARTINO, 2014, p 50)

A palavra **alagamentos** surgiu por estar associada a **enchentes**. Mas poderia ter sido usada outras palavras como transtornos, transbordamentos do Tietê, acidentes, entre outras.

São muitos os tipos de relações semânticas que podem estar na base desses laços por associação e que se manifestam quer em pares de palavras, quer em séries maiores.

No entanto, o fato de aparecer um conjunto de palavras associadas não garante por si que o texto seja coeso e tenha a unidade.

2.8 A conexão

Por conexão queremos referir aqui ao recurso coesivo que se opera pelo uso de conectores, o qual desempenha função de promover a sequência textual. Na escola, é o recurso mais abordado quando se fala em coesão. Porém, vimos que há muitas formas de promover a sequenciação do texto.

Vale ressaltar, no entanto, que a conexão se diferencia dos demais elementos coesivos por envolver um tipo específico de ligação: aquela efetuada em pontos bem determinados do texto, entre orações, períodos e parágrafos.

A conexão se efetua por meio de conjunções, preposições, locuções conjuntivas e preposicionadas, bem como por meio de alguns advérbios e locuções adverbiais.

É necessário saber usar os conectores de forma adequada para expressar o valor semântico pretendido.

O uso do **mas**, por exemplo, é mais do que ligar as orações, sinaliza, em geral, uma ideia de oposição, adversidade.

Os conectores são uma espécie de sinal que orienta o interlocutor acerca da direção pretendida. Funcionam como marcadores que especificam a relação semântica criada, que é fundamental para qualquer pessoa entender um texto.

Os conectores podem dar diversos sentidos a um texto, alguns indicam relação de causalidade, outros de condicionalidade, temporalidade, entre outros.

Por exemplo:

“Tinham-lhe parecido aquelas coisas horríveis na boca, o pelo caíra, **e** ele precisara matá-la. (**e** – indica adição).” (RAMOS, 1986, p. 109)

“Espero ver-te, **porque** sem ti Lisboa é para mim um desterro. (**porque** – indica explicação).” (QUEIROZ, 2006, p. 316)

Aquela montanha é áspera **como** a minha dor. (**como** – indica comparação) (ASSIS, 1994b, p. 1)

3 USO DA CRASE: REGRAS BÁSICAS

A crase ou acento grave ocorre quando existe a junção da preposição **a** mais o artigo **a**. Para isso, é necessário ter uma palavra que determina o uso da preposição **a**, em seguida uma palavra feminina.

A (preposição) + palavra FEMININA

Quando ocorre?

- Diante de palavras femininas;
- Palavras que necessitam da preposição **a**.

Exemplo: Os trabalhos foram entregues à professora.

entregues: Verbo transitivo indireto (precisa de preposição).

professora: Substantivo feminino.

A regra básica para saber se é necessário o uso da crase ou não é trocar a palavra feminina por uma masculina. Se o **A** se transformar em **AO**, usa-se a crase. Isso ocorre porque o **AO** nada mais é do que a preposição A + o artigo O.

Exemplos:

Os trabalhos foram entregues à professora.

Verbo transitivo indireto
(precisa de preposição)

Substantivo feminino

Os trabalhos foram entregues **à professora**.

Os trabalhos foram entregues **ao professor**.

Ontem, fui assistir **à peça de teatro**.

Ontem, fui assistir **ao filme** no cinema.

3.1 Uso obrigatório

- Antes de locuções adverbiais femininas.

No final da rua, **vire à esquerda**.

À tarde passearemos no parque com as crianças.

O atleta passou mal porque fez atividade física **às pressas**.

Exemplos de locuções adverbiais femininas:

- à distância
- à toa

- à vontade
- às pressas
- às claras
- às vezes
- à direita
- à esquerda
- à noite

- Horas: sempre usamos crase.

Nosso horário de atendimento é das **8h às 18h**.

Te espero **às 20h**.

A aula começa **às 7h15**.

EXCEÇÃO: Quando o artigo definido feminino (a/as) estiver depois das preposições **desde, após, entre e para**, a crase não é permitida.

Estamos te esperando **desde as 10h**.

Retornaremos **após as 14h**.

Sairei da aula **entre as 13h e 15h**.

A reunião está marcada **para as 10h**.

Vale ressaltar que, quando o artigo feminino estiver depois da preposição **até**, o uso da crase é facultativo.

Vou te esperar até **as 16h**.

Vou te esperar até **às 16h**.

3.2 Uso da crase nos pronomes **aquele, aquela e aquilo**.

REGRA: Para saber se vai crase ou não nos pronomes **aquele, aquela** ou **aquilo**, é só trocar por **a este, a esta e a isto**. Se mantiver o mesmo sentido, usa-se a crase.

Cheguei **àquele**.

Cheguei **A ESTE** país.

Vou **àquela** festa.

Vou **A ESTA** festa.

Refiro-me **àquilo** que aconteceu com meu irmão.

Refiro-me **A ISTO** que aconteceu com meu irmão.

Espero **aquela** rapaz.

Espero **ESTE** rapaz.

Fiz **aquilo** que você disse.

Fiz **ISTO** que você disse.

Comprei **aquela** caneta.

Comprei **ESTA** caneta.

3.3 Regra para nomes geográficos

- Ir a algum lugar:

Para descobrir se tem crase ou não, é só trocar o A por PARA.

Se o correto for PARA A, usa-se a crase. Isso ocorre porque temos a preposição, no caso PARA + o artigo A.

Fui **à França**. / Fui **para a França**.

Fui **a Paris**. / Fui **para Paris**.

- Voltar / retornar a algum lugar:

Para saber se vai ou não crase, é só trocar o A por DA, se o correto for DA, significa que existe uma preposição + artigo a, então usa-se o acento grave.

Eu voltei **à Argentina**.

Eu voltei **da Argentina**.

Eu voltei **a Bariloche**.

Eu voltei **de Bariloche**.

ATENÇÃO: Quando o nome do lugar estiver especificado, ocorrerá crase.

Retornarei **à São Paulo dos bandeirantes**.

Irei **à Salvador de Jorge Amado**.

3.4 Uso facultativo da crase

- São três casos:
- Pronomes possessivos femininos

Cedi o lugar a minha avó.

Cedi o lugar **à** minha avó.

Diga a sua irmã que estou esperando por ela.

Diga **à** sua irmã que estou esperando por ela.

- Nome próprio feminino.

Entreguei o cartão **a Paula**.

Entreguei o cartão **à Paula**.

Contei **a Laura** o que havia ocorrido na noite passada.

Contei **à Laura** o que havia ocorrido na noite passada.

- Depois da palavra *até*.

Fui **até a** praia.

Fui **até à** praia.

Eu te acompanho **até a** porta.

Eu te acompanho **até à** porta.

3.5 Quando não se admite a crase

- Antes de palavras masculinas;

Eu andei **a pé**.

Pé – substantivo masculino.

Andamos **a cavalo**.

Cavalo – substantivo masculino.

- Antes de verbos no infinitivo;

Estou disposto **a ceder**.

Estou disposto **a ajudar**.

- Em palavras repetidas;

Cara a cara.

Lado a lado.

Frente a frente.

- Em expressões que indicam futuro ou distância;

Vou sair daqui **a pouco**.

Vou até **a esquina**.

- Em dias da semana;

De segunda a sexta-feira;

De sexta a domingo.

EXCEÇÃO: Se o dia da semana estiver especificado, usa-se o acento grave.

O torneio vai da próxima **segunda à sexta**.

Ou nesses casos, nos quais podemos substituir o **ÀS** por **AOS**.

Eu vou ao cinema **às sextas-feiras**.

Eu vou ao cinema **aos sábados**.

- Antes de pronomes indefinidos e demonstrativos;

Não diga nada **a ninguém**.

Leve a encomenda **a esse** endereço.

Desejo **a todos** um ótimo ano.

- Antes de pronomes pessoais ou de tratamento.

Entreguei a encomenda **a Vossa Excelência**.

Eu pedi **a você** que me esperasse.

Desejo **a ela** um ótimo ano!

EXCEÇÃO: Nos pronomes de tratamento **dona, senhora** e **senhorita**, a crase é obrigatória.

Entreguei a encomenda **à senhora**.

- Diante de numerais cardinais.

Chegou **a** duzentos o número de feridos.

Daqui **a** uma semana começa o campeonato.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ASSIS, Machado de. **Obra Completa**. Memórias Póstumas de Brás Cubas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994a. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000215.pdf>> Acesso em: 07 de jul de 2022.

ASSIS, Machado de. **Obra Completa**. Viver!. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994b. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000271.pdf>>. Acesso em: 07 de jul. 2022

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola**. São Paulo: Editora Loyola, 1998.

BARBOSA, Daniel Alves. Paralelismo – Português. **Blogarama**, 2020. Disponível em: <<https://www.blogarama.com/blogging-blogs/272926-daniel-alves-barbosa-blog/33963939-parallelismo-portugues>>. Acesso em: 07 jul. 2022.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Ática, 2005.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas empresas brasileiras: TIC empresas 2019**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2020

HALLIDAY, Michael; HASAN, Ruqaiya. **Cohesion in English**. English Language Series, London: Longman, 1976.

ITAÚ BBA. **Linkedin**, 2022. Disponível em: <https://www.linkedin.com/posts/itaubba_neofeed-caio-viggiano-e-f%C3%A1bio-villa-activity-6940687329590226945-xLzE?utm_source=linkedin_share&utm_medium=member_desktop_web>. Acesso em: 07 jul. 2022.

ITAÚ UNIBANCO. **Linkedin**, 2022. Disponível em: <https://www.linkedin.com/posts/itau_sustentabilidade-bikes-descricao-de-conteudo-activity-6940766316882509824-qO86?utm_source=linkedin_share&utm_medium=member_desktop_web>. Acesso em: 07 jul. 2022.

JUE, L. Arthur; MARR, Jackie Alcade; KASSOTAKIS, Mary Kellen. **Mídias sociais nas empresas**: Colaboração, inovação, competitividade e resultados. São Paulo: Évora, 2010.

MARTINO, Agnaldo. **Português esquematizado**. São Paulo: Saraiva, 2014.

MEIRELES, Cecília. Viagem. **Obra Poética**. Volume Único. Rio de Janeiro: CIA José Aguilar Editora, 2 ed. 1967.

MOREIRA, Danilo Alves. Redes sociais: usos e aspectos nas empresas. **Brasil Escola**, s.d. Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/comunicacao-marketing/redes-sociais-usos-e-aspectos-nas-empresas.htm>>. Acesso em: 07 jul. 2022.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Fala e escrita: a mesma gramática?** In: PRETI, D. (org). *Oralidade em textos escritos*. São Paulo: Humanitas, 2009.

PRETI, Dino. **Estudos de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

QUEIROZ, Eça de. **O Primo Basílio**. São Paulo: Editora Escala, 2006. (Coleção grandes obras.)

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio, São Paulo: Record, 56 ed. 1986.

ROJO, Roxane. **Letramentos, mídias e linguagens / Roxane Rojo, Eduardo Moura**. São Paulo: Parábola, 2019.

SERRA, Bernardo et al. **Mídias Sociais E Negócios: Um Estudo Delphi**. Revista Ibero-Americana de Estratégia, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 236-253, jan./mar. 2013.